



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA EM *O VENDEDOR DE PASSADOS*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E *OS CUS DE JUDAS*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES NAS FRONTEIRAS DO DISCURSO AFROLUSÓFONO COLONIAL

Romilton Batista de Oliveira¹

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

romilton.oliveira@bol.com.br

RESUMO

A memória produz, através da articulação de diferentes contextos, um discurso que dá sentido ao passado e às experiências pessoais. Este artigo se propõe a analisar de forma comparativa duas obras literárias produzidas em países diferentes – Angola e Portugal. De um lado, *O Vendedor de Passados*, do angolano José Eduardo Agualusa; do outro, *Os Cus de Judas*, do português António Lobo Antunes, obras literárias inseridas no contexto colonial de guerra e pós-guerra e que são de grande importância na difusão da literatura afro-lusófona. Este estudo tem como fim compreender como se constroem as representações desses dois romances através da posição ideológica assumida pelos dois narradores: Eulálio e o médico, consecutivamente angolano e português. Para isso, a memória foi utilizada como categoria mediadora na reconstrução das identidades surgidas entre conflitos e desencontros, desconstruindo e reconstruindo culturas e sentimentos que nortearam a vida dos personagens, conduzindo-os a traumas ou choques descritos pelas memórias subterrânea, traumática, individual e/ou coletiva. Utilizamos os fundamentos metodológicos da literatura comparada amparada por teóricos como Tânia Carvalhal, que juntamente com outros pesquisadores pertencentes aos Estudos Culturais como Stuart Hall, entre outros, contribuiu para focalizar no objeto literário a necessidade de se elencar as semelhanças e diferenças encontradas em ambas as narrativas que testemunham a violência sofrida historicamente pelo povo angolano. Esta pesquisa permite que possamos ver as representações individuais e coletivas sendo transformadas e reconstruídas através da memória individual/coletiva. O resultado da pesquisa demonstrou que a literatura é um importante aliado da sociedade, pois constitui um valioso instrumento interdisciplinar que não permite que se esqueça de tragédias como essas focalizadas nas narrativas, preservando a transformação da diversidade cultural de um povo.

¹ Romilton Batista de Oliveira é mestrando da Universidade do Estado da Bahia em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, residente à rua São Sebastião, 960, Fátima, Itabuna, Bahia, do sexo masculino, 46 anos. É professor das redes estadual e municipal de Itabuna e sua área de estudo centra-se em literatura afro-lusófona, focalizando o autor angolano José Eduardo Agualusa e o português António Lobo Antunes num diálogo interdisciplinar, envolvendo Literatura, História e Memória, suas principais categorias de análise. Seu e-mail para contato é romilton.oliveira@bol.com.br e seu telefone (73) 8849-0337.

Palavras-Chaves: Literatura, Memória, Representação, Angola, Afro-lusofonia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo do entendimento de que a literatura é em si mesma fonte de representação e memória capaz de resgatar os valores culturais de uma sociedade em construção, este artigo tem como objetivo geral analisar as obras literárias *O Vendedor de Passados*, do angolano José Eduardo Agualusa² e *Os Cus de Judas*³, do português António Lobo Antunes a partir de uma abordagem literária comparativa, norteadas por dois conceitos teóricos que se dialogam e se integram entre si, a *representação* e a *memória*, compreendendo a importância da *experiência* como fonte inesgotável da representação mnemônica e o seu resgate na literatura. Ao sinalizarmos a abordagem constituída por essas duas categorias de análise, pretendemos construir um caminho que venha esclarecer, a partir do corpus selecionado – os dois respectivos romances – a problemática da representação da memória, levando em conta o contexto histórico em que ambas as obras estão inseridas – a guerra colonial angolana, pois acreditamos que nenhuma representação mnemônica existe fora de um contexto histórico. Memória e História se relacionam e se aproximam a partir de um mesmo objeto que em comum permeiam seus estudos: o passado. E nesse sentido, a literatura dialoga com essas áreas do conhecimento ao focar também o passado em suas produções discursivas. A literatura é em si memória, representação e história, uma realização individual circunscrita no coletivo. Daí a necessidade de analisarmos essas interseções no campo da literatura

² José Eduardo Agualusa não partilhou da experiência de acompanhar de perto, segundo Rita Chaves, o nascimento do país. Com menos de 40 anos, Agualusa nasceu e viveu no Huambo até ir para Portugal, logo após a independência (CHAVES, 2005, p. 60). Autor do romance *O Vendedor de Passados*, Agualusa estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa, dedicando-se ao jornalismo e à escrita. Sua família é portuguesa pelo lado paterno e, brasileira, pelo lado materno. Vive entre Lisboa e Luanda. É romancista, contista, poeta e jornalista. Iniciou a sua carreira literária em 1988, com a publicação de um romance histórico, *A Conjura*.

³ António Lobo Antunes, escritor português, escreveu o romance *Os Cus de Judas*, inspirado em sua própria experiência com a guerra em Angola, quando dela fez parte como médico no período de três anos, enviado pelo governo salazarista. Este romance autobiográfico tornou-se um importante referencial histórico-literário do povo angolano. Nascido em Lisboa em 1942, licenciou-se em Medicina e especializou-se em Psiquiatria, decorrendo daí sua tendência de analisar, sob o prisma da Psicologia, a criação artística, o que o levou a escrever romances como *Os Cus de Judas*. Como romancista, vem publicando desde 1979. Seus três primeiros livros - *Memórias de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980) constituem uma trilogia autobiográfica.

comparada, entendendo que um novo conhecimento se produz a partir dessa comparação através do jogo intertextual e interdisciplinar que se faz presente quando obras literárias são analisadas, e em nosso caso, obras literárias de dimensão afrolusófona, partindo de dois caminhos diferentes: de um lado, José Eduardo Agualusa representando a literatura angola e, de outro, António Lobo Antunes representando a literatura portuguesa. Nesse sentido a pesquisa pretende investigar que tipo de memória foi utilizado pelos escritores em seus romances, e como essas memórias são articuladas na construção da representação de seus personagens. Acreditamos que os personagens presentes em ambos os romances passaram por um processo de crise de representação, desconstruindo suas velhas identidades e reconstruindo novas a partir da experiência vivenciada de forma traumática. Daí a necessidade de estudarmos a memória traumática e subterrânea a partir das contribuições dos pesquisadores Walter Benjamin e Michel Pollak e as contribuições de Henri Bergson e Maurice Halbwachs concernente às memórias individual e coletiva.

Para o alcance de nossos objetivos, selecionamos autores de várias áreas do conhecimento que dialogam com os estudos literários, desde o recorte psicológico ao sociológico, além do filosófico e histórico, com o intuito de realizar um consistente diálogo acerca desse processo mnemônico, inscritos por seus escritores, através das vozes dos seus personagens-narradores. Pretendemos, dessa forma, mostrar as duas impressões mnemônicas representativas da realidade tecida por uma única língua, a língua portuguesa, língua essa que será capaz de produzir dois discursos intermediados pela vontade de vencer a morte e o tempo através da experiência narrada, uma forma de libertar a morte pela escrita e por ela reconstruir a vida que estava aprisionada e amarrada aos traumas de uma memória silenciosa e subterrânea. Eis o desafio em que se inscreve nossa inquietação, conscientes de que a problemática da memória articulada ao discurso da experiência há de produzir, no decorrer deste trabalho, resultados satisfatórios, nas fronteiras do discurso literário *afro-lusófono*⁴.

⁴ A lusofonia corresponde aos países que falam língua portuguesa e produzem culturas que podem ser compartilhadas nesse território de comunicação, mas esta pesquisa preferiu fazer uso de dois termos:

Convém afirmar que este trabalho faz parte do texto de dissertação do mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional a ser apresentado no mês de junho de 2012. Esta pesquisa faz uma abordagem teórica acerca da representação e memória, tendo como principais teóricos Émile Durkheim que contribui com a pesquisa através dos conceitos de representação individual e coletiva, e respectivamente Henri Bergson e Maurice Halbwachs, com o conceito de memória individual e coletiva, e de Walter Benjamin e Márcio Seligmann-Silva com o conceito de memória traumática, ao lado de outros teóricos como Paul Ricoeur, Michel Pollak, Stuart Hall, Mikhail Bakhtin, Beatriz Sarlo, Tania Carvalhal, entre outros. Podemos a princípio afirmar que um novo conhecimento se pode ser construído nos horizontes da crença de que todo texto é dialógico e *polifônico*⁵ por excelência, e é graças a esse processo que podemos nos subsidiar de outras áreas do saber para produzir nosso discurso, inserindo assim nosso trabalho na proposta geral do mestrado em que esta pesquisa está ancorada, ou seja, pôr em prática o processo multi e interdisciplinar do conhecimento.

No primeiro romance comparado *O Vendedor de Passados*, pretende-se apresentar a memória de forma voluntária e como “mercadoria”, inserida num contexto de relações de poder e do imaginário social da sociedade angolana, uma memória halbwachiana, circunscrita ao contexto social, enfim, uma memória coletiva. No segundo romance, *Os Cus de Judas*, a memória será apresentada de forma involuntária e individualizada, uma memória bergsoniana, circunscrita ao contexto psicológico. Vale ressaltar que a memória onírica é acionada no romance *O Vendedor de Passados* com o objetivo de reforçar e sedimentar o imaginário criativo do autor e que a memória traumática faz parte da construção das representações individuais em ambos os romances. E nesse sentido, servimo-nos do pensamento benjaminiano para descrever a memória traumática que certamente tem sua representação individual desconstruída através de sua memória individual, entrando certamente num

afrolusofonia e lusofonia, dando ênfase ao primeiro termo por entendermos que a visão de mundo não mais se atrela ao racionalismo eurocêntrico iluminista que esteve por muito tempo no poder.

⁵ Ver BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

processo de choque ou trauma, levando-o a passar por um processo de mudanças em seu mundo interior e, respectivamente na sua interação com o outro em sociedade. A memória subterrânea, aquela que é oriunda de um processo clandestino e “silencioso”, desloca-se de seu silêncio para ser ouvida por um interlocutor, nesse novo contexto pós-traumático. Essa memória compartilhava com a memória traumática um ponto em comum – viver às margens do discurso oficial e dominador. O personagem médico do romance *Os Cus de Judas* representa muito bem esse tipo de memória, pois como sobrevivente da guerra, “confessa”, nesse tipo de literatura autobiográfica (de “denúncia”, “testemunhal”), suas lembranças traumáticas da guerra, ressignificando o sentido anterior que fora dado à verdade dos fatos, desconstruindo desta forma o sentido oficial. A representação coletiva é transformada por essas memórias, e com isso, o deslocamento/descentramento proposto por Stuart Hall se realiza.

UM DIÁLOGO EM TORNO DA REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA E O PODER DE DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA INTERMEDIADA PELA EXPERIÊNCIA NO CAMPO LITERÁRIO

Em seu artigo “*Representações individuais e representações coletivas*”, Durkheim (1970) tenta traçar objetivas diferenças entre esses dois tipos de fenômenos. Segundo ele uma representação individual é produzida pelas ações e reações entre os elementos nervosos do indivíduo, ou seja, ela tem origem nas sensações. As representações individuais têm uma gênese baseada na relação fisiológica do corpo humano com o meio no qual este corpo entra em contato. Já as representações coletivas são produzidas pelas ações e reações permutadas entre as consciências elementares que compõem a sociedade. Para o autor, as representações são a trama da vida social. É a sociedade que pensa, ou seja, as ideias que são aparentemente de propriedade individual, só tem significado e são conscientes a partir do ponto de vista coletivo. Os indivíduos e suas ideias, ou representações, sempre carregam a marca da realidade social de onde nascem e estabelecem os vínculos sociais com seus conviventes.

De acordo com Durkheim (1989), a vida coletiva é feita essencialmente de representações, ou seja, dos mecanismos interiores do ser humano que permitem com que o mesmo experimente o mundo da sua maneira. “A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo é feita de

representações; é pois presumível que representações individuais e representações sociais sejam, de certa forma, comparáveis” (DURKHEIM, 1970, p. 16), pois elas possuem em si elementos que as unem, que as integram: o social e o histórico. Ainda conforme Durkheim “aquilo que nos dirige não são as poucas ideias que ocupam presentemente nossa atenção; são, isto sim, os resíduos deixados por nossa vida anterior; são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso apercebamos” (1970, p. 20). Em outras palavras, é a memória, presentificada nesses resíduos deixados por nossa vida anterior, que, ao se somarem às ideias, ordena e fundamenta a vida humana. Afirma ainda o autor que, “as imagens e as ideias agem entre si e essas ações e reações devem [...] variar com a natureza das representações; tais mudanças devem ocorrer na medida em que as representações, que assim são postas em confronto,[...] se diferenciem ou se contrastem” (DURKHEIM, 1970, p. 23). Qualquer representação, no momento em que se produz, afeta, além do corpo, o próprio espírito, isto é, as representações presente e passadas que o constituem, desde que se admita, como nós, que as representações passadas subsistem conosco. As representações que são a trama dessa vida originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total. Espontaneamente na elaboração do resultado comum, cada indivíduo traz a sua contribuição; mas os sentimentos particulares só se tornam sociais pela sua combinação, agregados em sua totalidade.

Ainda Durkheim (1989) alerta que a ideia de consenso nas representações implica relações de poder. Um sistema de poder cria para homens e mulheres representações a serem seguidas, condicionadas à força da coesão social, alimentadas por um discurso ideológico. Portanto um sistema de pensamento que ordena o mundo segundo uma gradação de valores. O interesse do autor pelas categorias de pensamento se articula de modo exemplar com a problemática do poder e produção de um sistema de classificação pela sociedade, um sistema de dominação ideológica, assentadas em forma de um aceitável discurso, constituindo, desta forma, as devidas representações sociais. As representações, portanto, são um produto da sociedade, e sua força da coesão social repousa, portanto, na opinião.

Vale lembrar a importância do termo *imitação* nesse processo de construção de representações. Segundo Deschamps “a imitação pode ser definida como a adoção, por um sujeito, de um comportamento observado num modelo” (2009, p. 149 apud LEYENS, 1979) Representar, nesse sentido, é imitar. O ser humano busca na imitação de outrem sua identificação. E quanto a esse processo podemos perceber na obra *O Vendedor de Passados*, a imitação da identidade José Buchmann por Pedro Gouveia. A primeira manifestação de sua mudança e obediência a essa nova identidade é percebida pela transformação de hábitos

lingüísticos e sociais, apresentados pelo “vendedor de passados”, o personagem Félix Ventura. Mas, sabemos que se trata de um jogo de imagens na conquista por um espaço ao sol angolano, uma representação costurada sob o tecido textual do imaginário. O personagem se transforma radicalmente, dando um novo rumo à sua vida, “montando-se” a partir de fragmentos entre o real e o fictício, tornando-se um sujeito fundido por essa mistura, vivendo num “*como se*”⁶, ou seja, apropriando-se do fictício imaginário para dar sentido a sua vida. Poderíamos dizer que ele está representando o irrepresentável? Ou esse irrepresentável (ficcionalmente montado) é capaz de ser representável e produzir sentido, inserido num processo de significação? Nesse sentido, Agualusa conduziu muito bem a sua narrativa, quando criou um narrador que em vez de ter um sonho, ele fez um sonho, pois conseguiu tirar seus personagens do mundo imaginário fictício e os transformou em personagens da vida real. Transformou o irrepresentável em representável, ressignificando as possibilidades da realidade humana.

Sobre a memória individual e coletiva, Maurice Halbwachs faz o seguinte comentário:

Examinamos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estritamente limitada no espaço e no tempo. A memória coletiva também é assim, mas esses limites não são os mesmos, podem ser mais estreitos e também muito mais distanciados (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Percebemos, segundo o autor, que o funcionamento da memória individual baseia-se nas palavras e nas ideias produzidas no ambiente em que elas se localizam, restritas a um determinado tempo. Essas palavras e ideias transformam-se em sentimentos e discursos, interpelados no tempo e espaço simbólicos em que elas estão inscritas, no sentido de Hall (2006). Ressaltamos também que podemos recorrer às lembranças de outras pessoas para reforçar em algum ponto referencial nossa rememoração, mas nossa memória não se deve confundir com as dos outros. No próprio romance *O Vendedor de Passados*, no capítulo intitulado “*Personagens reais*” informa que “a nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias” (AGUALUSA, 2007, p. 139).

⁶ Ver ROCHA, João Cezar de Castro. **Teoria da ficção**: Indagações à obra de Wolfgang Iser. Tradução de Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

A contribuição, proveniente de Aristóteles, segundo Ricoeur (2007) confere à memória uma categoria pertencente ao passado, e está atrelada à sensação do tempo. Essa percepção consiste no fato de que a marca da anterioridade implica a distinção entre o antes e o depois, isto é, quando podemos distinguir esses dois instantes, um como anterior, e o outro como posterior, percebemos o movimento do tempo. Nesse ponto, análise do tempo e análise da memória se sobrepõem. Nesse sentido podemos constatar que em ambos os romances os personagens foram construídos nesse contexto de *anterioridade* e *posterioridade* temporal, intermediado pela *experiência* vivida. E é essa experiência o fio condutor e gerador da memória. Pollak adverte que

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, em tentativa mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

O autor refere-se à memória como ponto de referência de interpretação do passado. E por ser esta uma operação de construção coletiva, ao salvar o passado, ela dá ao grupo social um sentimento de pertença com o objetivo de manter o equilíbrio coeso diante de outros grupos que se constroem opostamente. Esse sentimento de pertencimento está presente constantemente no romance *O Vendedor de Passados* no momento em que Félix Ventura (O vendedor de passados) cria novas representações para os clientes que o procuram.

Esses grupos que coesamente se identificam em suas representações sociais são constituídos por indivíduos que possuem em comum uma afinidade em suas formações discursivas e ideológicas. Quem se lembra de lembrar? Indubitavelmente são esses indivíduos que vivem em sociedade. Mas quando se lembram, precisam se interagir com o coletivo em que essas lembranças estão intercaladas, sendo a memória coletiva sua fonte originária primeira, contudo,

se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. [...] Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A narração é a “alma” da experiência. “A experiência liga-se a algo que não se esgota no vivido, mas sim naquilo que pode, ou se deixa transmitir. Ao dar voz ao vivido, aquilo que era

de cunho somente particular passa a ter um estatuto coletivo” (FIUZA, apud REVISTA GÂNDARA, 2007, p.160). Sobre isso, Benjamin diz que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora às coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Citando Beatriz Sarlo, vemos que “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração; a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência” (SARLO, 2007, p. 10). Desta forma, “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Vale ressaltar que “a literatura não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa de fora da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo (SARLO, 2007, p. 119).

No romance *O Vendedor de Passados*, o narrador descreve as mudanças que ocorreram com José Buchmann, como ele se transformou a partir de sua nova representação, subordinada ao poder local, reconstruída através de uma memória fictícia e o conflito que ele enfrentou no acerto de contas entre passado e presente. A representação foi percebida por dois fatores que se interagiram socialmente – a linguagem e a cultura expressa através de sua nova forma de vestir e de se comportar, ou seja, seus hábitos e costumes culturais:

Vi-o chegar a esta casa com um extraordinário bigode de cavalheiro do século XIX, e um fato escuro, de corte antiquado, como se fosse estrangeiro a tudo. Vejo-o agora, dia sim, dia não, entrar pela porta de camisa de seda, em padrões coloridos, com a gargalhada larga e a alegre insolência dos naturais do país. [...] Olhando para o passado, contemplo-o daqui, como contemplaria uma larga tela colocada à minha frente, vejo que José Buchmann não é José Buchmann, e sim um estrangeiro a imitar José Buchmann. Porém, se fechar os olhos para o passado, se os vir agora, como se nunca o estivesse visto antes, não há como não acreditar nele – aquele homem foi José Buchmann a vida inteira (AGUALUSA, 2004, p. 65).

Desta forma, confirma-se o que os teóricos vêm informando acerca do poder imaginário que ronda o ideário social de nossos discursos. Foucault⁷(1979) é um desses teóricos que contribui bastante nesse sentido. Sua concepção de discurso e poder foram de suma importância nessa análise literária comparativa, pois todos os personagens são conduzidos por essa “força” que “contagia” a formação discursiva, em contato com o grupo social. E quanto à necessidade dos indivíduos viverem de acordo com o grupo social no qual pertencem, compartilhando suas afinidades mnemônicas, deve-se aos estudos de Maurice Halbwachs (2006). É o grupo a base que oferece as condições fundamentais da construção de uma memória individual.

⁷ Ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Constatamos que em ambos os romances, os personagens passam por uma crise de representação que, conforme Hall,

é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” [...] Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo (HALL, 2006, p. 7 e 9).

A crise de representação foi necessária devido às mudanças que a sociedade estava a passar. E nesse sentido foi necessária a realização de uma guerra para que novos paradigmas surgissem, descentrando e deslocando os sujeitos de suas posições na estrutura social, transformando o “sistema do pensamento iluminista” que durante muitos anos perdurou em nossa representação social em um novo sistema onde as vozes (as minorias) que foram silenciadas pela história, literatura e outras áreas do conhecimento fizessem parte deste mesmo sistema representacional.

Referindo-se ao romance *Os Cus de Judas* muito do que o médico lembrou através de sua *memória individual* foi construído no compartilhar do convívio com o outro, mesmo que de forma bem distante e quase que impessoal. Lá no fundo da memória individual há elementos que conduzem à *memória coletiva*, pois muito do que ele presenciou foi também vivenciado por outros sujeitos envolvidos nesse contexto. Podemos afirmar que toda memória individual é regida por uma memória coletiva. Conforme Maurice Halbwachs,

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p.30).

O autor ao afirmar que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros” confirma que a memória só se constrói através da interação de dois ou mais sujeitos envolvidos, numa dimensão histórica e social. Mesmo de forma impessoal, o médico (narrador e personagem do romance) cita nomes de pessoas que rapidamente fizeram parte de seu discurso mnemônico, dando-nos pistas de que toda memória individual interage num contexto amplo coletivamente compartilhado. Certamente muitos dos angolanos que da guerra fizeram parte, de posse da leitura deste romance relembrarão daquele árduo conflito, e de seus complexos traumas.

A memória traumática herdada pelo médico através da experiência, só foi possível graças à sua sobrevivência. Ao se tornar um sobrevivente, tornou-se um portador dessa memória, tornou-se um homem marcado pela dor. De acordo com Seligmann-Silva:

A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – se tornaram assassinos de um povo (2003, p. 136-137).

A solidão avassaladora em que o personagem médico é submetido provém do choque causado quando ele entra em contato com a “dolorosa” realidade. O sobrevivente, ou seja, o narrador, narra seu “escape” e o complexo retorno à vida normal, mas não consegue tirar de si esse “incômodo” que ronda o seu mundo interior. “O narrador narra, portanto, porque presente que algo de fundamental foi esquecido: mas, enquanto não poder eliminar esse esquecimento, só poderá narrar tomado por forte sentimento de desorientação, de angustiante sensação de ‘desmoronamento do mundo’” (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 367). Esse choque ou trauma “indica a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 374). E esse sobrevivente precisa ser ouvido pelo outro para que a memória não caia no esquecimento. Quando o sobrevivente narra, ele confessa, desabafa, divide com o outro sua experiência, aliviando sua dor. E nesse sentido, a literatura exerce uma extraordinária função, tornando-se instrumento para que isso aconteça.

A memória inicialmente percebida, aquela que nossa visão imediata facilmente detecta é a memória pessoal que Bergson (2010, p 69) apresentou em seu livro “Matéria e memória”. Ele declara que se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. O autor dando prosseguimento ao seu argumento adverte que é incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta. A lembrança, segundo o autor é um fenômeno de representação, é a presença de algo ausente, o passado, levando em consideração que a parte da memória independente, isto é, a das imagens-lembranças, reproduzem percepções passadas. Reconhecemos, desta forma, que o personagem médico, no romance *Os Cus de Judas*, faz uso dessas imagens-lembranças no decorrer de quase toda narração literária. Ele está sempre trazendo à tona às imagens-lembranças de sua infância, de sua família, da comunidade portuguesa quando na

guerra se encontrava. Retornando a Portugal, suas imagens-lembranças são redimensionadas a partir desta experiência obtida com a guerra:

Deixe que eu esqueça, olhando-a bem, o que não consigo esquecer, a violência assassina na terra prenhe de África, e tome-me dentro de você quando do redondo das minhas pupilas espantadas, enodoadas da vontade de si de que sou feito agora, surgirem as órbitas côncavas de fome das crianças da senzala, penduradas do arame, a estenderem para os seus seios brancos, na manhã de Lisboa, as latas enferrujadas (ANTUNES, 2007, p. 166).

O autor tenta esquecer o seu passado, mas a memória é mais forte que os seus desejos. E de forma involuntária ao indivíduo ela se apresenta. Nesse sentido, a definição de *memória involuntária* concedida pelos teóricos Henri Bergson e Walter Benjamin são de grande importância na análise desse romance. Podemos encontrar, fundida nesta memória, a memória traumática. Ela se forma a partir do “choque” dos indivíduos em contato com acontecimentos catastróficos. A memória como resgate de um trauma dá à literatura comparada uma função “redentora”: a de atualizar e redimensionar aquilo que foi suprimido e que às margens vivia, sob os “escombros” devastadores do medo e do silêncio. Sistemas de poder baseados e fundamentados na violência como forma de impor ideologias fazem com que a rememoração seja uma peça fundamental no resgate daquilo que foi perdido pela violência do poder. E certamente pelo processo de comparação entre as respectivas obras pudemos constatar que os personagens foram construídos através de uma memória individual e coletiva, voluntária e involuntária, subterrânea e traumática, vivificadas por seus respectivos autores. E nesse sentido, comparar é um procedimento que faz parte da lógica do pensamento humano e da organização da cultura de um povo, como bem afirma Carvalhal: “a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude generalizadora (dedutiva)” (CARVALHAL, 1986, p. 6). Enfim, compara-se para produzir novos conhecimentos, percebendo o cruzamento das “vozes⁸” que do texto fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura constitui o elo dialógico entre o passado com o presente, numa constante apropriação por novos sentidos, ressignificando as representações de nossa sociedade,

⁸ Desde Bakhtin e de sua contribuição com a *dialogia* e a *polifonia*, os estudos lingüísticos, literários, históricos e filosóficos passaram a entender que o texto não se constrói por ele mesmo, mas a partir de um processo maior pelo qual o autor denominou de *intertextualidade*. Enfim, todo texto é um *intertexto* em sua formação. Logo, o texto literário dialogará com outras vozes textuais, num constante diálogo eterno com o conhecimento.

rompendo com paradigmas e “metaforseando” outros mediante as condições que lhes são dadas, como bem afirma Stuart Hall, utilizando-se das palavras de Carl Marx: Os “homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2006, p. 34). E a literatura faz a sua história com um tecido discursivo próprio, costurado nas teias da ficção, da “realidade” que, de certa forma, faz parte da realidade dos homens. Esses não seriam capazes de entender a própria realidade que os cercam senão a partir do mundo imaginário subjetivista. E nesse sentido, podemos afirmar que não existem verdades puras, mas sim, “verdades” que se “contaminam” com outras verdades, devido a forte influência da alteridade na formação discursiva da memória.

Ambos os romances aqui expostos em análise possuem a marca de rupturas com o silêncio. No *Vendedor de Passados*, a memória subterrânea é ativada, vindo à tona no momento em que o personagem Edmundo Barata dos Reis é desmascarado, revelando-se como aquele que no passado foi responsável pela tragédia que marcou a vida de pai e filha (Pedro Gouveia e Ângela Lúcia). Os romances memorialísticos ou autobiográficos, *O vendedor de Passados*, de José E. Agualusa e *Os Cus de Judas*, de António L. Antunes, exploram a força evocativa da memória, mediante a qual os protagonistas registram suas experiências e instituem sua representação. Esses romances evidenciam, portanto, que a memória não é apenas o fundamento de sua concepção, mas também “o filtro das experiências literárias do escritor” (SARAIVA, 1993, p. 214), que a ele se vale ao criar suas obras.

A literatura, nesse sentido, representa resistência, a partir de autores como Agualusa e Lobo Antunes que, ao escreverem romances como esses, estão definitivamente impedindo que a memória coletiva venha cair no esquecimento, funcionando de certa forma, como “guardiões da memória”. A literatura passa a plantar as sementes de uma nova ordem: o período das incertezas que adentram os novos discursos modernos, alavancado pela difusão do individualismo. Mas, ao mesmo tempo sente a necessidade de ressignificar esse novo mundo sem perder de vista o passado resgatado pela memória de seus escritores. Podemos então afirmar que ela, ao apropriar-se de outras fontes, como, por exemplo, da História, a faz para melhor representar o indivíduo em sociedade, o heterogêneo homem fragmentado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ . **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet . Obras escolhidas, v.1, 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; trad. Paulo Neves – 4. ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social**: dos processos identitários às representações sociais. Tradução de Lúcia M. EndlichOrth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Tradução de J. M. de Toledo Camargo. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.
- _____. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulina, 1989.
- FIUZA, Marcos. Literatura e testemunho: a ficção como representação da experiência. In: REVISTA GÂNDARA/Cátedra Padre Antonio Vieira de Estudos Portugueses. **Literatura e violência**: o lugar da memória traumática. Nº 2. Rio de Janeiro: Instituto Camões/PUC-RIO, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, vol. 02, nº 03. Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Teoria da ficção**: Indagações à obra de Wolfgang Iser. Tradução de Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro : EDUERJ, 1999.
- SARAIVA, Juracy Assmann. Memória e construção da identidade em romances de Machado de Assis. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel; SILVEIRA, Regina da Costa da. **Redes & Capulanas**: identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2009.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.